ISSN: 2358-8829

MULHERES NO REGGAE MARANHENSE: DANÇA, RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO DE ESTERIÓTIPOS EM CODÓ-MA

Erica Maria Rodrigues Barata[1]

Cinthia dos Santos Moreira [2]

INTRODUÇÃO

O reggae constitui uma expressão cultural que, no Maranhão ultrapassa o campo musical e participa da construção de identidades, vínculos de pertencimento e formas de sociabilidade. Em Codó, município localizado no interior maranhense, os bailes, as radiolas, a dança e os coletivos culturais integram práticas por meio das quais essa manifestação é apropriada e ressignificada.

Nesse contexto, a presença das mulheres não pode ser compreendida apenas pela participação delas nos bailes ou pela dança: elas também contribuem para a organização de eventos, a divulgação da cultura regueira também são responsáveis por passar essa cultura de geração em geração, bem como estão ligadas diretamente a produção de atividades coletivas e a continuidade dessa expressão cultural. Apesar dessa atuação, os espaços do reggae são atravessados por relações de gênero e raça que podem limitar o reconhecimento dessas mulheres.

Estereótipos, julgamentos morais, machismo, racismo e formas de invisibilização afetam especialmente as mulheres negras, cuja participação pode ser reduzida à aparência ou à dança, enquanto suas ações de organização e liderança recebem menor destaque. Assim, discutir a presença feminina no reggae de Codó significa analisar tanto as possibilidades de expressão e pertencimento quanto as desigualdades que atravessam esses espaços.

Este trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres no reggae maranhense, com foco em Codó, considerando a dança, a organização coletiva e as práticas culturais como formas de resistência e enfrentamento de estereótipos. A reflexão toma como principal referência e dialoga com a monografia de Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira (2025), dedicada à participação das mulheres negras no reggae codoense. A abordagem é qualitativa e busca compreender as experiências das mulheres

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.

[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.

no interior dessa manifestação cultural, sem separar suas práticas artísticas das relações sociais e principalmente familiares que as constituem.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico e observação de campo dos espaços culturais relacionados ao reggae no município de Codó-MA. O percurso metodológico compreende a consulta a produções acadêmicas sobre reggae, identidade cultural, relações de gênero e resistência, articulada às visitas realizadas aos espaços regueiros do município, possibilitando a observação de suas dinâmicas culturais e formas de sociabilidade.

Como referência para a contextualização da temática, utiliza-se o estudo de Moreira (2025), que aborda a atuação dos coletivos regueiros em Codó por meio de narrativas de participantes, entrevistas, registros fotográficos e observação de práticas culturais. A contribuição dessa pesquisa permite ampliar a compreensão sobre a participação feminina e as relações estabelecidas nesses espaços.

A análise está estruturada em três eixos: o reggae como expressão de identidade e pertencimento; as desigualdades de gênero e raça presentes nos espaços regueiros; e as formas individuais e coletivas de resistência construídas pelas mulheres. Dessa forma, busca-se compreender a atuação feminina na organização de festas, na estrutura das radiolas, na produção cultural e nas iniciativas comunitárias, destacando sua importância para a construção e o fortalecimento da cultura regueira em Codó-MA.

Figura 1 – Festa de Reggae realizada na AABB de Codó – Codó-MA.



fonte: Autoria própria (2026)

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.
[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do reggae como prática cultural exige reconhecer que os significados de uma manifestação musical são construídos socialmente. Hall (2006) compreende a identidade cultural como um processo histórico, relacional e em transformação, e não como uma característica fixa. Essa perspectiva ajuda a analisar como as mulheres se reconhecem e constroem pertencimento por meio da música, da dança, da estética e da convivência nos bailes.

A identidade regueira, portanto, é produzida nas relações entre experiências individuais, memória coletiva e contexto local. A contribuição de Canclini (2003), ao discutir os processos de hibridização cultural, permite pensar a circulação e a transformação das práticas culturais em diferentes contextos. Em Codó, o reggae se articula com experiências, linguagens, modos de vestir, formas de dançar e redes de sociabilidade locais. Essa apropriação não deve ser entendida como simples reprodução de uma cultura externa, mas como um processo de reelaboração que adquire sentidos próprios no cotidiano dos participantes.

No debate sobre gênero, as reflexões de Soihet (1997) sobre violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas contribuem para observar como determinados espaços são socialmente associados à presença e à autoridade dos homens, enquanto as mulheres enfrentam julgamentos sobre seus corpos, comportamentos e lugares de atuação.

A desigualdade não se expressa apenas por proibições explícitas; também pode aparecer na desvalorização do trabalho das mulheres, na sua representação como coadjuvantes e na dificuldade de reconhecer suas capacidades de organização e liderança. A pesquisa de Silva (1995) é importante para situar o reggae como elemento de lazer e identidade cultural no Maranhão.

Embora a trajetória do reggae maranhense tenha características próprias em diferentes municípios, sua permanência depende também da ação cotidiana de pessoas, grupos, DJs, radiolas, dançarinos e organizadores. Essa dimensão coletiva é fundamental para compreender a relevância dos grupos femininos e a necessidade de reconhecer sua contribuição para a continuidade da cultura regueira.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.
[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os materiais analisados indicam que a presença das mulheres no reggae de Codó é ampla e não se restringe à participação como público ou à dança. As mulheres também colaboram com a realização de eventos, a divulgação de atividades, a articulação de coletivos e a manutenção de redes de apoio. A monografia de Moreira (2025) destaca a atuação de grupos como Divas do Roots e Mulheres Roots, que ocupam espaços culturais e contribuem para ampliar a visibilidade feminina na cena regueira.

Essas experiências evidenciam que as mulheres são agentes da produção cultural, participando de diferentes etapas necessárias para que os encontros aconteçam. A dança possui relevância nesse processo porque permite expressar estilos, afetos, pertencimentos e formas de ocupar o espaço público. Entretanto, reduzir a participação feminina à dança apaga outras dimensões de sua atuação.

Quando mulheres organizam festas, mobilizam participantes, produzem ações comunitárias ou assumem funções relacionadas à estrutura dos eventos, demonstram que sua presença também envolve trabalho, conhecimento e capacidade de decisão. O reconhecimento dessas atividades é necessário para superar a visão de que a cultura regueira é construída prioritariamente pelos homens.

Os estudos consultados também apontam que os espaços de lazer podem reproduzir desigualdades presentes na sociedade. Mulheres, especialmente mulheres negras, podem ser alvo de hipersexualização, julgamentos morais e desvalorização de suas escolhas. Tais práticas interferem na maneira como elas são percebidas e reconhecidas, podendo transformar a presença no baile em uma experiência atravessada por tensões.

Desse modo, o reggae não deve ser apresentado de forma idealizada como espaço automaticamente livre de preconceitos: ele pode proporcionar pertencimento e liberdade, ao mesmo tempo que reproduz conflitos e hierarquias sociais. A atuação coletiva aparece como uma estratégia importante de enfrentamento. A organização em grupos favorece a criação de redes de apoio, a realização de eventos e a construção de espaços nos quais as mulheres podem assumir funções de liderança e tornar suas contribuições mais visíveis.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.
[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.

As ações atribuídas ao Mulheres Roots na pesquisa de Moreira (2025), incluindo atividades culturais e iniciativas comunitárias, mostram que a cultura regueira pode articular lazer, solidariedade e participação social. Os coletivos, assim, não apenas reivindicam reconhecimento dentro dos bailes, mas também ampliam os sentidos sociais da cultura que produzem. Essas experiências podem ser compreendidas como práticas de resistência porque contestam a ideia de que determinados espaços, funções e formas de expressão pertencem prioritariamente aos homens.

Figura 1 – Confraternização Roots – Codó-MA.



Fonte: @mulheres_roots, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/

A resistência não se manifesta somente em discursos explícitos, mas também na continuidade das atividades, na ocupação dos espaços, na valorização da estética negra, na transmissão de conhecimentos e na criação de redes coletivas. Ao sustentar a presença feminina e desenvolver iniciativas próprias, as mulheres contribuem para transformar as condições de participação e para disputar as narrativas sobre quem constrói a história do reggae em Codó.

É importante, contudo, evitar tratar as mulheres como um grupo homogêneo. Suas experiências variam conforme trajetórias, condições econômicas, relações sociais e formas de participação na cultura regueira. Por isso, ouvir suas narrativas e reconhecer suas próprias interpretações é indispensável. A pesquisa qualitativa permite dar atenção a essas experiências e compreender o reggae como uma prática vivida, marcada por sentidos diversos e por relações que precisam ser analisadas em seu contexto.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.
[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão permite compreender que a participação das mulheres no reggae de Codó envolve dança, sociabilidade, organização de eventos, produção cultural, liderança e ações comunitárias. Sua presença contribui para a continuidade e a transformação dessa manifestação, ao mesmo tempo que torna visíveis conflitos relacionados ao machismo, ao racismo e aos estereótipos sobre a atuação feminina.

Reconhecer essas contradições é fundamental para não reduzir o reggae apenas ao entretenimento nem desconsiderar as relações de poder existentes em seus espaços. Os coletivos femininos, como Divas do Roots e Mulheres Roots, evidenciam a importância da organização coletiva para ampliar a visibilidade das mulheres e fortalecer sua participação. Suas práticas podem ser entendidas como formas de resistência cultural, afirmação identitária e construção de pertencimento.

Conclui-se que valorizar as mulheres no reggae maranhense significa reconhecer não apenas sua presença nos bailes, mas também seu trabalho, suas memórias, seus conhecimentos e sua contribuição para a cultura local. O aprofundamento dessa investigação depende da continuidade do diálogo com as participantes e do registro de suas experiências, de modo que suas vozes ocupem lugar central na história do reggae em Codó.

Palavras-chave: Cultura regueira; Codó-MA; Protagonismo feminino; Mulheres negras; Resistência cultural.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, aos meus santos e aos meus guias, por toda proteção, cuidado e presença em minha caminhada. Sei que nunca estive sozinha e sou profundamente grata por cada força recebida, mesmo nos momentos em que não consegui compreender os caminhos. À minha mãe dona Maria Edileuza Felis Rodrigues, minha primeira referência quando se trata da cultura regueira, deixo um agradecimento muito especial.

Obrigada por compartilhar comigo os conhecimentos que carrega sobre o reggae, por me ensinar a valorizar essa cultura e por fazer com que ela também se tornasse parte

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.
[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.

da minha história. Até mesmo meu nome, Érica, carrega essa ligação, uma homenagem ao cantor Eric Donaldson.

De alguma forma, antes mesmo de compreender a dimensão dessa cultura e herança, ela já fazia parte de quem eu sou. Às minhas tias, Edilma Moreira Barata e Maria Edilene Felis Rodrigues, e à minha avó, Dona Sônia Lúcia Moreira, agradeço o apoio, carinho e incentivo de sempre. Obrigada por acreditarem em mim e estarem presentes nessa caminhada. Ao meu filho, Antony Gabriel Alves Barata, e ao meu cônjuge, Alefe Alves Abreu Soares, agradeço o amor e por fazerem parte da minha vida. Vocês são parte importante de tudo aquilo que me move.

À minha comadre Carolina Kethyllen, à minha amiga Ana Júlia, ao Kairon, ao David, ao Júnior, ao Sr. Edson Santos e à Raiane Matos, minha gratidão por acreditarem no meu potencial, pelo incentivo e por caminharem comigo de alguma maneira.

Por fim, este trabalho também é uma homenagem a Rodrigo Muniz. Sua partida deixou saudades, mas seu legado permanece.

Agradeço por ter compartilhado essa ideia, que de alguma forma me inspirou e contribuiu para que este trabalho ganhasse vida. Algumas pessoas continuam presentes naquilo que deixam e esse trabalho é o reflexo disso. A todos que fizeram parte dessa trajetória, minha gratidão. Este trabalho também carrega um pouco de cada um de vocês.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Carolyne de Jesus Cantanhede. Ritmando resistências: a participação das mulheres negras no reggae de Codó-MA. UFMA, 2025.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor: reggae, lazer e identidade cultural. São Luís: EDUFMA, 1995.

SOIHET, Raquel. Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SOUZA, Tânia da Costa. O reggae no Maranhão: música e identidade cultural. São Luís: EDUFMA, 2016.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, erica.maria@discente.ufma.
[2] Professora Orientadora: Mestre, Docente Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cinthia.moreira@ufma.br.